

# TRABALHO E PRÁXIS EDUCATIVA NA FORMAÇÃO DOS LAÇOS REVOLUCIONÁRIOS

I

Iziane Silvestre Nobre – Mestre em Educação - Universidade Federal do Ceará

Rafaela Mendes dos Santos Ferreira Murrat – Mestre em Educação – Universidade  
Federal do Ceará

## RESUMO

Esse artigo é resultado de uma pesquisa de dissertação de mestrado, cujo objetivo centrou-se na contextualização do debate entre a relação trabalho, práxis e escola como elementos de uma formação revolucionária. Essa discussão parte de uma perspectiva incomum dentro do marxismo, tomando as contribuições de Marx por um aspecto programático, considerando não apenas a união trabalho e ensino como parte integrante da sua proposta de formação, mas também considerando a práxis e seu princípio educativo imanente. Nessa relação, estamos pondo em evidência a categoria práxis, considerando não apenas o trabalho como a categoria fundante do ser social, mas também o princípio educativo da práxis, numa relação interdependente que colabora para uma atualização do debate teórico marxista acerca da relação trabalho e práxis no processo de formação e desenvolvimento do ser social. Posteriormente, discutiremos o princípio pedagógico da Revolução Social e o papel da práxis político-educativa na formação dos laços revolucionários, compreendendo que é por meio dela que pode ocorrer a transformação do sujeito potencialmente revolucionário em efetivamente revolucionário. Para fins desse estudo, realizamos uma pesquisa bibliográfica acerca das categorias trabalho e práxis, tendo como foco de análise a práxis político-educativa por ela ser, do guarda chuva que compõe o conjunto da práxis humana, uma práxis que procura elevar a consciência da classe trabalhadora de classe-em-si para-si, na fase de lutas correspondentes tanto ao período pré-revolucionário, assim como o período da transição, não devendo ser, hipoteticamente, eliminada, numa possibilidade de ascensão ao um novo sistema social, tendo em vista que o exercício político dos indivíduos não devem acabar numa sociedade emancipada.

**Palavras chaves:** trabalho, práxis, Revolução Social

## INTRODUÇÃO

Esse artigo pretende discutir acerca do papel do trabalho e da práxis educativa na formação dos laços revolucionários, compreendendo que ambas as categorias marxianas se constituem como fundamentais na formação e desenvolvimento do ser social, atuando na formação do homem como ser social no processo de

transformação da natureza e o desenvolvendo na medida em que ocorre a interação entre os sujeitos, originando-se assim, a partir da práxis produtiva, um conjunto de complexos que subsidiarão a formação das sociedades, representando o conjunto das atividades humanas.

Do grande leque que compõe a práxis, nos deteremos a discutir a práxis política-educativa por representar uma espécie de ferramenta fundamental para elevar a consciência do sujeito potencialmente revolucionário e transformá-la em sujeito efetivamente revolucionário ao passo em que acontecem às atividades teórico-prático da classe trabalhadora: organização de congressos seminários, greves, formações políticas, dentre outras.

Ao considerarmos o princípio educativo da práxis, compreendemos que a Revolução Social não pode estar deslocada de um processo educativo, haja vista que a transformação social está para além da mera disputa bélica e das reformas econômicas, visando alcançar uma dimensão formadora e transformadora dos sujeitos e das suas relações. Esse pressuposto nos leva a crer que ela acompanha uma série de transformações sociais, iniciando a construção de uma nova cultura, gerada ainda no seio da sociedade agonizante, para que então se consolide numa autêntica revolução cultural nos mais diversos aspectos, quando estivermos finalmente na coletividade livre. No entanto, é preciso enfatizar que entre o reino da necessidade e o reino da liberdade, há um processo longo de lutas políticas, cuja mediação será posta pela práxis.

Deste modo, dentro do conjunto das atividades humanas, reputamos a práxis política-educativa como uma mediação importante no movimento contraditório do capitalismo na construção dos laços revolucionários da classe trabalhadora. São as atividades da práxis política-educativa que ajudam a formar a consciência revolucionária à medida que o trabalhador adquire o conhecimento das contradições do capital e se engaja nas lutas sociais do cotidiano, embora seja necessário ressaltar que nem todas essas lutas possuem o horizonte revolucionário, todavia, elas conservam um caráter eminentemente pedagógico pelo tensionamento que provoca.

Ademais, cabe esclarecermos a importância da categoria práxis, cujo valor transcende ao processo de desenvolvimento do ser social, permanecendo e adquirindo uma força contra-hegemônica ao passo que se constroem os laços revolucionários e reúnem as condições objetivas para que desemboque numa transformação estrutural.

## TRABALHO E PRÁXIS: FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO SER SOCIAL

O trabalho é a categoria fundante do ser social. Através do intercâmbio do homem com a natureza no processo de trabalho, o homem modifica a natureza e a si mesmo, num processo contínuo e dialético de transformação e autotransformação do homem. Dessa relação, perpassa um princípio educativo presente no momento da transformação da natureza, tendo em vista que o processo de manipulação do homem sobre a matéria orgânica desencadeia uma série de descobertas realizadas pelo homem, socializada posteriormente com os outros homens<sup>1</sup>.

Nessa perspectiva, encontramos seu princípio pedagógico, tanto no momento de transformação da natureza quanto na sua própria autotransformação. O corpo do homem se modifica e sua estrutura se complexifica, conforme nos lembra Lessa apud Marx, ao se referir a natureza teleológica do trabalho e a correlação de forças existentes no momento da transformação da natureza. A atuação desse movimento de forças dá origem aos outros complexos sociais, geradas a partir do intercâmbio entre os homens.

O trabalho funda a existência humana e é corolário dos complexos sociais subseqüentes, a saber, a linguagem, a arte, a religião e etc. Esses outros complexos compõem o conjunto da práxis social, cujo desenvolvimento comporta um princípio educativo, mediado pelas relações sociais estabelecidas entre os homens. Portanto, a práxis produtiva é o pôr teleológico do processo de transformação do homem com a natureza, enquanto a práxis social é o pôr teleológico resultado da interação entre os homens (Sousa Jr, 2015). Nessa perspectiva, trabalho e práxis possuem uma relação de dependência, dialeticamente, dado pelo seu caráter teleológico.

Deste modo, o reconhecimento da práxis como categoria fundamental no processo de construção e desenvolvimento do ser social, não retira a centralidade do trabalho e/ ou o seu caráter fundante (Sousa Jr, 2013). O trabalho funda a existência humana, determinando-o em sua totalidade, enquanto a práxis representa o elemento existencial tanto da atividade objetiva quanto subjetiva do homem.

---

<sup>1</sup> Para exemplificar o princípio educativo do trabalho presente no ato de transformação da natureza, podemos utilizar o exemplo da transformação do machado. Nesse ato, o homem descobre quais os tipos de materiais a ser transformado e a melhor forma de construir essa ferramenta.

É importante ressaltar, que dentre as discussões que permeiam a relação trabalho e práxis, há uma obscuridade conceitual do que seja trabalho e práxis. Sousa Jr (2015) destaca, fundamentado em Kosik e Konder, que o trabalho aparece como práxis e a práxis é reduzida ao momento laborativo, quando sua importância ultrapassa o processo de construção do ser social. Sobre isso, o autor destaca que:

a práxis ora é uma categoria diferente do trabalho, ora é categoria que o comporta, que se identifica com ele, na medida em que ele é uma modalidade de práxis, é práxis produtiva. A práxis é a atividade humana em geral, que se define enquanto tal pela posição teleológica. Nesse sentido, o trabalho é uma práxis, a práxis que se distingue de todas as outras formas porque é a primeira resposta teórico-prática dos homens na luta pela sobrevivência; porque promove a produção material da existência; e porque é a condição de possibilidade de todas as demais; além disso, a posição teleológica do trabalho modifica causalidades espontâneas ou naturais ao passo que as demais formas de práxis modificam causalidades postas pela intervenção humana, social. Essa dupla forma de definir a práxis, ora como categoria que se identifica com o trabalho, na medida em que este é práxis produtiva, ora se distinguindo dele, quando ela representa as outras atividades, as quais em bloco se diferenciam qualitativamente do trabalho, aparece tanto nos autores referidos acima quanto em Lukács. (SOUSA JR, 2015, p. 78)

Trabalho e práxis estão inscritas na mesma esfera ontológica e se separam à medida que ocorre a complexificação do ser social, passando a modificar causalidades diferentes. O trabalho modificando as causalidades espontâneas e naturais, enquanto as diversas formas de práxis atuam nas causalidades impostas pela intervenção humana, nesse sentido, é a interferência da práxis humana que conferem à história um caráter contraditório e indeterminado, cujo sentido dependerá das relações operadas no mundo dos homens, mediadas pela práxis e seu princípio educativo imanente.

Trabalho, práxis e educação, participam da construção e desenvolvimento do ser social. O trabalho funda a vida humana, os outros complexos sociais e conseqüentemente as outras formas de práxis, resultam de uma mediação educativa originária a partir da práxis primeira. Assim posto, o encadeamento dessas três categorias se relaciona com a totalidade da vida humana, à medida que possuem uma dependência ontológica com relação à práxis produtiva, se complexificam e adquirem uma autonomia relativa no processo do desenvolvimento do ser social.

Portanto, para além da formação e desenvolvimento do ser social, é importante destacar a função da práxis no progresso das sociedades, cabendo elencar que é por meio da práxis e da sua atuação sobre o movimento real, que o homem se torna sujeito de sua própria história, evidenciando o caráter dinâmico da história.

## O PRINCÍPIO PEDAGÓGICO DA REVOLUÇÃO SOCIAL

Quando ouvimos falar acerca da Revolução Social como a tomada violenta do poder do Estado pela classe trabalhadora, sem fazer as devidas mediações que acompanham um processo revolucionário, normalmente desemboca em algumas compreensões equivocadas do que seria um processo revolucionário, sendo necessário, portanto, desvelar algumas questões subjacentes ao conceito de revolução social.

Primeiramente é necessário refletir que não existe um processo de transformação social sem que nele esteja contida a ideia da violência entre as classes, pelo próprio tensionamento e acirramento das contradições sociais que as classes em luta provocam; segundo, a consideração da violência na tomada do poder não anula o longo processo de transformação social, acompanhando, conseqüentemente, um conjunto de transformações objetivas e subjetivas.

Se formos relembrar o processo de transição do feudalismo para o capitalismo, perceberemos que houve mudanças substanciais em toda a estrutura da sociedade: transformou o modo de produção, ascendeu uma classe revolucionária e modificou consideravelmente o sistema social e político, impactando sobremaneira a ciência, a arte e os outros complexos sociais, desenvolvendo assim, uma nova cultura dentro de um contexto revolucionário, muito embora seja necessário ressaltar que essa revolução foi incapaz de eliminar os antagonismos sociais existentes, levando Marx (2008) a afirmar no Manifesto Comunista que a burguesia criou as armas para a sua própria destruição.

Sousa Jr ao versar acerca da perspectiva pedagógica da revolução destaca que:

O processo revolucionário não é um raio no céu azul, nem mero ato da vontade dos indivíduos. [...] Mas aquele processo é, antes, forjado, pelas condições históricas concretas da sociedade capitalista e, tal como se tem considerado aqui, toda a vida social cotidiana, a constituição, desenvolvimento e transformação das diversas formações sociais constituem um amplo processo de educação. Desse modo, a revolução, para ser considerada como processo educativo, tem de ser vista antes como um processo dentro de outro processo maior e mais amplo. (SOUSA JR, 2010, p. 49).

Tal compreensão nos permite entender dois pontos principais: primeiro, que o processo de revolução não se dará de modo gradual, etapista e fugirá de qualquer determinismo histórico; segundo, evidencia as relações sociais educativas dos sujeitos

quando se considera toda a vida social cotidiana, elencando as pequenas transformações a uma perspectiva bem mais ampliada.

A revolução como um processo pedagógico não está contida a ideia de um socialismo evolucionista, conforme apregoaram os teóricos da Segunda Internacional<sup>2</sup>. Pelo contrário, nela contém a perspectiva da ruptura, obedecendo às condições históricas concretas, desenvolvendo as reformas necessárias, não na perspectiva de que elas sigam um caminho de reestruturação da sociedade, mas para que elas atuem na necessidade imediata da classe trabalhadora, sem perder, com isso, o horizonte revolucionário.

As contribuições históricas da Revolução Russa comprovam, por exemplo, que a conquista do poder econômico é apenas o primeiro passo de um longo processo de mudanças do modo de produção. Paralelo e concomitante a isso, ocorrem transformações nos mais diversos campos: educacionais, culturais e sociais, cuja “formação do homem novo e da nova consciência se constroem no processo educativo da práxis revolucionária” (Sousa Jr, 2010, p.31).

As considerações de Sousa Jr sobre a perspectiva pedagógica da revolução social elucidam que:

A propósito do caráter educativo da revolução, cumpre observar que se pode compreender a revolução social como processo educativo basicamente pela presença de três elementos fundamentais: os sujeitos que ensinam e aprendem; a relação ensino-aprendizagem com as devidas estratégias e métodos pedagógicos; e os conteúdos do processo de ensino-aprendizagem. [...] Esses elementos reunidos atuam na formação de quadros militantes, de dirigentes, lideranças operárias e populares, oradores, quadros que formam as táticas e as estratégias revolucionárias do movimento proletário, e da base geral do movimento, o que é fundamental para que esta não seja manipulada pelas camadas dirigentes e seja, ao mesmo tempo, capaz de formular e assumir postos de comando. Esses elementos atuam permanentemente desde os momentos mais embrionários das lutas proletárias, passando pelo processo de conquista do poder social até sua consolidação e avançam historicamente no processo de construção do homem novo e das novas relações não alienadas/ estranhadas. (SOUSA JR, 2010, p. 28)

A partir das considerações do autor, concordamos que a presença dos sujeitos que ensinam e aprendem e das estratégias pedagógicas inerentes à organização

---

<sup>2</sup> Bersntein e Kantsky defendiam que o socialismo viria pelo caminho de uma evolução gradativa do capitalismo. Nessa perspectiva, a destruição do capitalismo não se daria por um processo violento e sim pela democratização dos espaços políticos. O Estado passaria a representar a consciência da sociedade, enquanto os partidos catalisariam as demandas sociais, enquanto os sindicatos e as cooperativas atuavam no sentido de democratizar a propriedade privada e socialização dos lucros (Tonet, 2010).

da classe trabalhadora, nos propicia o entendimento que a práxis política-educativa colabora com o desenvolvimento de uma nova cultura, nascida ainda no seio da sociabilidade burguesa, avançando para uma etapa de transição, quando nos supõe Marx (2013) ao discorrer sobre a experiência da Comuna de Paris.

A classe operária não exigia milagre algum da comuna. Ela não tem nenhuma utopia fixa e pronta para implantar via decreto popular. Ela sabe que para conseguir a sua própria libertação, e com ela, essa forma superior de vida, impulsionada irresistivelmente pelo próprio desenvolvimento econômico da sociedade atual, terá que passar por longas lutas, por uma série de processos históricos, através dos quais tantos homens quanto às circunstâncias serão transformados completamente. Ela não tem nenhum ideal a ser realizado; ela apenas tem que colocar em liberdade os elementos da nova sociedade que já desenvolveram-se no seio da sociedade agonizante. Plenamente consciente de sua missão histórica e heroicamente resolvida a agir em conformidade com ela, a classe operária pode permitir-se sorrir frente às inventividades grosseiras dos lacaios da imprensa frente à proteção pedante dos doutrinários burgueses bem intencionados, que pregam as suas ignorantes vulgaridades e suas fantasias sectárias no tom oracular da infalibilidade científica. (MARX, 2013, p. 58).

Deste modo, se o conceito de revolução cogita a transformação social nas suas mais diversas esferas, não será anacrônico pensar que este processo terá incidência nos outros complexos sociais, acarretando, por conseguinte, numa revolução cultural, tal processo terá como mediação todas as formas de práxis humana.

Portanto, se a práxis, vista como uma categoria fundamental no marxismo acompanha e atua no processo de formação e desenvolvimento do ser social na objetivação de outros complexos sociais mais avançados, suponhamos que a práxis continuará tendo um papel preponderante no longo caminho rumo à revolução cultural, e após a ela, tendo em vista que numa coletiva livre, o exercício políticos dos indivíduos não deixará de existir (Sousa Jr, 2013).

## **O PAPEL DA PRÁXIS POLÍTICA-EDUCATIVA NA CONSTRUÇÃO DOS LAÇOS REVOLUCIONÁRIOS**

Se formos resgatar os escritos de Marx sobre educação, Lombard (2010) ressalta que a educação em Marx atua em três perspectivas: na crítica ao ensino burguês, acompanha o movimento contraditório do capitalismo e a educação onilateral. Na proposta de educação que segue o movimento contraditório do capital, possui uma preponderância, a proposta de educação politécnica e a educação que ocorre nos interstícios do capital, nos espaços organizativos da classe trabalhadora.

A educação que ocorre nesses espaços é fundamental para o fortalecimento dos laços revolucionários, necessária não somente para formar a consciência revolucionária, mas também para tensionar o movimento contraditório do capitalismo, contribuindo para a promoção de atividades que possuam um caráter reivindicativo e formador.

Nesse sentido, tomando como parâmetro a Revolução Russa, veremos que o engajamento da massa nos levantes revolucionários veio mediante as lutas pelas causas concretas, pão e terra para todos. Em muitos trabalhadores, o horizonte revolucionário não estava claro em suas posições políticas e práticas, mas, à medida que o partido e os demais espaços organizativos da classe trabalhadora exerciam sua função educativa em formar sujeitos revolucionários, os levantes adquiriram um caráter de ruptura com o regime vigente.

Concordamos com Gramsci (2013) quando trabalha com o conceito de unidade de classe. Para o autor, os trabalhadores precisam se organizar dentro de uma rede de instituições proletárias, objetivando construir os laços revolucionários. Nessa perspectiva, há um reconhecimento da importância da práxis política-educativa, embora não tenha dito explicitamente, considerando que nela está contido o princípio do associativismo.

O autor destaca que:

O princípio associativo e solidário torna-se essencial para a classe trabalhadora, muda a psicologia e os costumes dos operários e camponeses. Surgem instituições e órgãos que encarnam esse princípio; com base neles se inicia o processo de desenvolvimento histórico que conduz ao comunismo dos meios de produção de trocas. (GRAMSCI, 2013, p. 119)

Esse princípio associativo e solidário se forja nas contradições da sociabilidade burguesa. Embora a necessidade de sobrevivência das organizações, em algumas ocasiões, as obriguem, seja por conveniências ou por quaisquer outros motivos, a seguir a lógica ao invés de se oporem, por outro lado, elas possuem um papel importante por fazerem germinar os princípios associativos e solidários. Os princípios associativos e solidários associado à consciência revolucionária conferem ao movimento dos trabalhadores uma organicidade e unidade de classe. Essa unidade de classe seria uma espécie de antídoto contra o individualismo reinante nas relações capitalistas. A existência dessas novas relações requer que os elementos que se constituem numa formação revolucionária propiciem os fundamentos dessa nova consciência gestada à medida que o homem novo e essa nova consciência são gerados



nas trincheiras da luta revolucionária, simultaneamente, no processo educativo da práxis revolucionária.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A práxis, vista como uma categoria fundamental em Marx nos permite compreender que sua importância inicia desde o momento da construção e desenvolvimento do ser social, cujo alcance perpassa por toda a existência humana, uma vez que os homens estão em constante processo de intercâmbio com os outros homens. São por meio dessas relações que o homem se educa, atua e se movimenta, acompanhando o movimento contraditório do capital e procurando alterar as relações vigentes.

Nesse sentido, assim como o trabalho é um pôr teleológico no processo de transformação homem x natureza. A práxis é um pôr teleológico, cuja atuação se dá na relação entre os sujeitos. São justamente essas relações contraditórias desenvolvidas entre os sujeitos que confere a história um caráter mutável, fazendo do comunismo uma possibilidade histórica.

Dentre o conjunto das práxis humanas, reputamos a práxis política-educativa uma atenção especial por ela ter um papel essencial que ultrapassa o momento do “assalto ao poder”. Ela ganha outras formas, adquire novos formatos, numa fase de transição, continuando a existir na coletividade livre, tendo em vista que o exercício político não cessa com a eliminação dos antagonismos sociais.

Enquanto a luta de classes é o motor da história (Marx, 2008), a práxis segue sendo seu combustível, pois ela movimenta as classes em luta e a partir do seu movimento, pode desembocar em diversas direções. O próprio desenrolar da história valida essa afirmação quando lembramos dos processos revolucionários anteriores, nos mostrando que para além da organização da classe trabalhadora, é preciso direcioná-la para uma perspectiva revolucionária.

Sousa Jr (2010) destaca a face contraditória do trabalho, afirmando que ele é ao mesmo tempo a negação do homem e a possibilidade de sua emancipação social. Nesse sentido, se é pelo trabalho que podemos vislumbrar a possibilidade de revolução, é pela práxis que a classe trabalhadora pode se elevar de classe-em-si para-si.

A práxis política-educativa proporciona um tensionamento entre o conjunto de forças políticas presentes na sociedade. No entanto, somente o tensionamento é

insuficiente para causar fissuras no sistema capitalista, associado à ação política é preciso ter o horizonte revolucionário. Porém, isso não impede que sejam realizadas lutas pontuais, pois o horizonte revolucionário só pode sair do plano abstrato da classe trabalhadora quando ele se materializa numa ação concreta, e para isso surgem às mediações políticas realizadas na sociedade agonizante.

A Revolução Russa demonstra claramente a importância da práxis política-educativa, antes e durante o processo revolucionário. Os levantes partiam de uma necessidade concreta, depois, esses levantes foram ganhando outra caracterização, alcançando uma dimensão maior, visando não somente a Revolução Socialista na Rússia, mas em outros países europeus. Logicamente que houve alguns equívocos no decurso da história, mas sua experiência até hoje tem muito a nos ensinar acerca da materialização da teoria revolucionária de Marx.

A Revolução Social jamais poderia ser uma bandeira dos levantes porque a classe trabalhadora estava muito mais preocupada em garantir sua sobrevivência imediata, garantindo pão e terra para os camponeses. Observamos que a consciência da classe trabalhadora foi se alargando no decorrer do processo, compreendendo que falta de pão e terra para os camponeses estavam associados a um problema estrutural do sistema capitalista, para que então houvesse esse salto ontológico da consciência foram necessárias às mediações políticas: jornais e panfletos políticos, discursos em praça pública e etc.

Portanto, a superação da sociedade classista dialoga com duas dimensões muito importantes: primeiro, a emergência da práxis política-educativa na elevação da consciência de classe, depois, a luta pela mudança do modo de produção, realizando os confiscos necessários, na qual intensifica a luta de classes. A política na transição está inseparável da mudança do modo de produção, que por sua vez, está inseparável de um processo educativo.

Política, Trabalho e Educação estão contidos nos elementos da práxis, havendo, deste modo, uma articulação dialética entre essas categorias. Contudo, cabe ressaltar que quando falamos política não estamos nos referindo à política do parlamento. Nossa compreensão de política está coadunada com a organização política presente nos movimentos sociais, classistas e auto-organizativas da classe trabalhadora.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

GRAMSCI, Antonio. *A conquista do Estado*. In: PINHEIRO, Milton e MARTORANO, C (org). *Teoria e prática dos conselhos operários*. Expressão Popular, 1º Edição, São Paulo, 2013.

LESSA, Sérgio. *Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo*. São Paulo, Editora Cortéz, 2007.

LOMBARD, José Claudinei. *Reflexões sobre educação e ensino na obra de Marx e Engels*. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, 2010. (tese de livre docência).

LUXEMBURGO, Rosa. *A Revolução Russa*. In: PINHEIRO, Milton e MARTORANO, C (org). *Teoria e prática dos conselhos operários*. Expressão Popular, 1º Edição, São Paulo, 2013.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto Comunista*. In: FELIPPE, Willian (org.). *As classes sociais no capitalismo*. São Paulo. Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2008.

\_\_\_\_\_. *A guerra civil na França*. In: PINHEIRO, Milton e MARTORANO, C (org). *Teoria e prática dos conselhos operários*. Expressão Popular, 1º Edição, São Paulo, 2013.

NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. *Economia Política – uma introdução crítica*. São Paulo: Editora Cortez, 2008.

SOUSA JR. Justino de. *Princípio Educativo e emancipação social: validade do trabalho e pertinência da práxis*. In: MENEZES NETO, AntonioJulio de (org). *Socialismo e Educação*. Belo Horizonte, Editora Fino Traço, 2013.

\_\_\_\_\_. *Marx e a crítica da educação: da expansão liberal democrática à crise regressivo-destrutiva do Capital*. Aparecida SP, Editora Idéias& Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. *O Princípio educativo da práxis: atualizando o debate teórico da relação trabalho e educação*. In: BATISTA, Eraldo Leme; MÜLLER, Meire Terezinha (orgs.). *Realidades da Educação Profissional no Brasil*. Campinas: Alínea, 2015.

TONET, Ivo e NASCIMENTO, Adriano. *Da centralidade do trabalho à centralidade da política*. 2010. Disponível em: [http://ivotonet.xpg.uol.com.br/arquivos/Descaminhos\\_da\\_esquerda.pdf](http://ivotonet.xpg.uol.com.br/arquivos/Descaminhos_da_esquerda.pdf). Acesso em: 21.02.2015.